

RISCOS DE ESCALADA NO BEM PLANEJADO ATAQUE DO HAMAS A ISRAEL

Por Didier Lauras*



O sistema de defesa antimísseis Iron Dome de Israel intercepta foguetes lançados da Faixa de Gaza no domingo; o sistema pareceu sobrecarregado no início do ataque (Amir Cohen/Reuters).

Se em maio de 2021 o Hamas disparou pouco mais de quatro mil foguetes em duas semanas, desta vez foram cerca de três mil em apenas dois dias.

O ataque surpresa do Hamas contra Israel foi uma ofensiva meticulosamente planejada que o grupo militante palestino é capaz de manter com risco de uma escalada ainda maior, segundo analistas.

O Hamas pode contar com um vasto arsenal de foguetes para usar contra Israel, mas as principais questões incluem quanto apoio recebeu do Irã, que manifestou seu apoio à ofensiva, e se o grupo xiita libanês Hezbollah, apoiado por Teerã, entrará na luta.

Mais de 700 israelenses foram mortos nas piores perdas do país desde a guerra do Yom Kippur, em 1973 – quando o país também foi pego de surpresa por um ataque combinado egípcio e sírio – e mais de 400 palestinos foram mortos enquanto Israel pressiona por um bombardeio implacável contra a “fortaleza de Gaza” do Hamas.

“Foi um enorme fracasso do lado israelense e uma enorme conquista para o Hamas”, disse Kobi Michael, pesquisador sênior do Instituto de Estudos de Segurança Nacional (INSS), com sede em Tel Aviv.

“Para lançar uma operação deste tipo é preciso muita preparação, planeamento, coordenação e é necessário um objetivo ou uma perspectiva estratégica muito significativa, profunda e essencial do que se pretende alcançar”, acrescentou, sublinhando que o Hamas “sabe que o preço de tal operação será muito alto”.

“ARSENAL SUBSTANCIAL”

Em maio de 2021, o Hamas já tinha surpreendido Israel ao enviar milhares de foguetes – por vezes uma centena em poucos minutos – destinados a saturar seu sistema de defesa antimísseis Iron Dome.

Naquele episódio, o Hamas utilizou 4.360 foguetes no espaço de 15 dias, enquanto desta vez cerca de três mil caíram sobre Israel em dois dias, segundo Elliot Chapman, analista do grupo britânico de inteligência de segurança Janes. “Não está claro se os militantes serão capazes de sustentar este volume de fogo durante os próximos dias. Se assim for, este seria o maior ataque com foguetes contra Israel até agora”, disse ele à AFP.

Fabian Hinz, pesquisador do Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, com sede em Londres, disse que o Hamas ainda deveria ter um “arsenal substancial de foguetes” mantido em reserva e “parece provável que eles serão capazes de manter o lançamento de foguetes por bastante tempo”.

O Hamas possui um arsenal que é difícil de quantificar numericamente, mas certamente amplo.

Suas armas provêm de uma série de fontes diferentes, incluindo o Irã, mas também a Síria, a Líbia após a queda de Muammar Kadhafi e outros países do Oriente Médio – para não mencionar as armas roubadas ou capturadas do próprio Israel, disse um especialista ocidental em armamentos que publica anonimamente no X (anteriormente *Twitter*) sob o nome de “Calibre Obscura”. “É um arsenal de estoques que foi construído durante décadas”, disse o “Calibre Obscura”, com armas pequenas e fuzis provenientes de fontes na China, Rússia e Europa Oriental.

Para Chapman, a “grande maioria” do arsenal de foguetes do Hamas é, no entanto, “fabricada internamente”. “Eles requerem uma oficina e materiais básicos e podem ser produzidos em massa pelo Hamas e similares”, disse ele, descrevendo-os como “sistemas de mísseis não guiados” que “não requerem tecnologia avançada para serem lançados”.

“MUITO TEMPO PARA SE PREPARAR”

O que acontecerá a seguir dependerá tanto das próprias decisões de Israel – nomeadamente se lançar uma invasão terrestre a Gaza após a retirada do território em 2005 – como do tipo de apoio que o próprio Hamas recebeu para a ofensiva. “Podemos ver algumas capacidades inteiramente novas (do Hamas) emergirem no caso de uma invasão terrestre total da Faixa de Gaza”, disse Hinz.

Ele alertou que o combate corpo a corpo na densamente povoada Faixa de Gaza seria “cansativo” e um cenário que as Forças de Defesa de Israel (IDF) tentaram arduamente evitar nos últimos anos.

“O Hamas teve muito tempo para se preparar para este tipo de cenário, por isso, mesmo para militares bem treinados e equipados como as IDF, seria um grande desafio e provavelmente acarretaria pesadas perdas”.

O presidente iraniano, Ebrahim Raisi, disse que Teerã apoia o que descreveu como a “defesa legítima” dos palestinos, mas um funcionário da Casa Branca disse que é “muito cedo para dizer” se o Irã está “diretamente envolvido”, mesmo que “não haja dúvidas sobre o Hamas ser financiado, equipado e armado pelo Irã e outros”.

Kobi Michael argumentou que “o Hamas não ousaria lançar tal operação sem ter uma apólice de seguro muito séria e confiável e ele a obteve do Hezbollah e do Irã”.

O *Wall Street Journal* informou terça-feira, citando membros do Hamas e do Hezbollah, que o Irã ajudou a planejar o ataque com uma luz verde final dada em uma reunião em Beirute na semana passada.

Um cenário de pesadelo para Israel seria uma guerra em múltiplas frentes envolvendo também a atividade do Hezbollah em sua fronteira norte.

O grupo libanês disse no domingo que disparou “um grande número de projéteis de artilharia e mísseis guiados” contra posições israelenses em uma área fronteiriça contestada “em solidariedade” ao ataque palestino. Israel respondeu com seu próprio fogo.

Chapman, da Janes, disse que o risco de envolvimento do Hezbollah “é elevado”, ao mesmo tempo que “os grupos militantes palestinos são muito ativos na Cisjordânia e apelaram ao público para se juntar à luta”.

Publicado no [Al-Monitor](#).

**Didier Lauras é formado pela CELSA e possui mestrado em ciências políticas. Iniciou a carreira jornalística como freelancer na cidade de Ho Chi Minh em 1993. Ingressou na AFP em 1996 como editor administrativo em Paris e foi enviado para o escritório de Kigali em 1997, três anos após o genocídio em Ruanda. Passou grande parte da carreira na Ásia atuando como chefe de sucursal em Hanói (2002 a 2007) e Bangkok (2009 a 2013). Depois de retornar a Paris, atuou como editor-adjunto de esportes de 2013 a 2014 e então como editor-chefe para a França. Atualmente é repórter e correspondente de Segurança, Defesa e Diplomacia na AFP.*
